

Corpo, Subjetividade e Tecnologias da Comunicação: O ‘Cuidado de Si’ na Atualidade

Camila Braga Medina

ECO/ UFRJ

camilabmedina@yahoo.com.br

Resumo expandido

O trabalho tem como objetivo entender de que modo as tecnologias de comunicação, assim como a maneira como se constitui a sociedade atual, estão associadas às novas formas de ser e estar do sujeito contemporâneo e ao cuidado de cada um com seu próprio corpo. Segundo Michel Foucault, “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1983, p.118), o que faz com que a história das técnicas de intervenções do corpo seja também a história de como a sociedade tratou o cuidado de si e do próximo. Tais intervenções ocorreram, principalmente, como forma de adaptação social e cultural do corpo, atravessando, portanto, todos os âmbitos que correspondem ao relacionamento com o outro e consigo, tais como as técnicas de produção, trabalho, comunicação, estética e consumo. Atualmente, com o advento das novas técnicas de comunicação e informação, pode-se entender que o corpo já não é percebido como antes, tornando-se um bem transformável, uma mercadoria a ser explorada em suas capacidades de obter e provocar sensações (VAZ, 2002). Uma boa explicação para isso é a de que as novas formas de visibilidade do sujeito, os novos modos de conceber o tempo e o espaço, as novas configurações econômicas que exaltam cada vez mais o consumo, e o aprimoramento das técnicas médicas, por exemplo, proporcionam uma exteriorização da subjetividade e, conseqüentemente, uma maior preocupação com a longevidade e o cuidado da aparência. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa, assim como as novas tecnologias de comunicação, não só influenciam na produção desses novos sujeitos, como também acabam se tornando o lugar privilegiado de onde eles se expõem e se legitimam. Como afirma Fernanda Bruno, “os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação. Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’ (...) o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si” (BRUNO, 2004, p.116). Essa exposição, no entanto, não parece ser como na modernidade, quando um indivíduo, ao revelar o seu íntimo em diários, confessionários e consultórios, mostrava a si mesmo ou a um outro específico sua interioridade secreta e verdadeira (e, portanto, autêntica), mas sim uma busca por um outro tipo de visibilidade, em que o sujeito que se mostra não quer ser mais visto por uma autoridade ou por um especialista, mas por indivíduos comuns, assim como o que se coloca como verdadeiro e autêntico é menos sua interioridade do que aquilo que ele aparenta ser ou gostaria que fosse. Diferente da modernidade, é no personagem, na máscara, na artificialidade que o indivíduo hoje se sente reconhecido como ‘ele mesmo’. Em vez de esconder uma intimidade, um ‘eu’, as mediações da tela e das práticas artificiais às quais o corpo se submete faz, na verdade, revelar esse ‘eu’. É isso o que vemos em blogs ou comunidades virtuais e programas de TV que propõem uma intervenção corporal, pois a maioria das mulheres que se submetem a cirurgias plásticas nestes programas afirma, ao se olhar no espelho após a ‘transformação’, que estão diante de seu verdadeiro ‘eu’, estando seus corpos agora condizentes com aquilo que desejavam.

Assim, muitos autores afirmam que aquela subjetividade centrada, unificada, calcada em um 'eu' íntimo e individualizado, tão própria da modernidade estaria em crise, já que hoje o que vemos é a emergência (ou, em certa medida, o retorno) de subjetividades mais fluidas, cambiantes, instáveis, que se expressam de formas diferentes das vistas até então. E podemos afirmar isso porque, mesmo as práticas de governo estando cada vez mais fundadas no 'eu', com o cuidado de si e do outro se deslocando cada vez mais para o próprio indivíduo e não na coletividade ou no Estado (ROSE, 2001), não podemos dizer que isso "reafirmaria" uma interioridade. O aumento da publicação de manuais de auto-ajuda (e de toda uma gama de produtos 'auto') e de práticas de discursos ou narrativas nas quais a intimidade é exposta podem ser exemplos dessa autenticidade ainda focada em um 'eu'. Porém há uma mudança significativa entre como esse 'eu' se expressava, ou ainda, se constituía na modernidade e como se constitui agora. Essas narrativas sobre a vida íntima, por exemplo, não são mais expostas em uma esfera que poderíamos chamar de privada ou quase privada (confessionários, consultórios, etc), mas ao público na mídia, no grupo, na internet. Ou seja, o reconhecimento não vem mais de uma autoridade, mas do olhar de um outro comum, ordinário, igual. Assim, podemos dizer que, de certa forma, há sim uma intensificação do 'eu', porém corporificado, performático, e não reflexivo. Outra característica presente na atualidade é a busca incessante dos indivíduos pelo autocontrole. Como diz Paulo Vaz, "os valores maiores de nossa sociedade parecem ser, na relação consigo, o bem-estar, a juventude prolongada, o autocontrole e a eficiência; na relação com os outros, a tolerância, a segurança e a solidariedade" (VAZ, 2002, p.18). Para ele, o discurso do respeito às diferenças, das muitas belezas e aparências que se pode escolher, exaltadas por diferentes 'estilos' de modelos e celebridades, na verdade acaba servindo para constranger aqueles que não conseguem escolher ou conquistar o corpo perfeito, livre de impurezas e imperfeições. A 'democratização' da beleza e a idéia de que qualquer um pode ser belo, desloca a responsabilidade das insuficiências para o próprio indivíduo. É nesse contexto que vemos crescer, cada vez com mais força, o número daqueles que relatam algum tipo de distúrbio alimentar – desde a mínima preocupação com o peso até os transtornos severos, de abstenção alimentar, passando pelas chamadas síndromes parciais (dietas periódicas, vômitos provocados, jejum prolongado, uso de laxantes, diuréticos e anorexígenos, exercícios físicos extenuantes, etc) –, ou recorrem à cirurgias plásticas e intervenções corporais de todo o tipo. De acordo com observações clínicas do psicanalista Jurandir Freire Costa, os novos sintomas corporais vêm ganhando imensa importância, mostrando que, diferente da modernidade, o corpo físico está sendo identificado como um dos componentes do conflito psíquico e não como mero pano de fundo ou "meio" em que ocorriam os embates entre afetos, pulsões, representações e instâncias subjetivas (COSTA, 2004). Para ele, o corpo está se tornando objeto privilegiado de preocupações e sofrimentos conscientes. E não é de se espantar que os indivíduos que se submetam a tais práticas com mais frequência sejam do sexo feminino (ainda que as causas não possam ser explicadas de modo tão simples), já que, historicamente, a relação das mulheres com seu próprio corpo foi sempre permeada por forças intensas e cobranças, mesmo que sutis. Inseridas no discurso predominante perpetuado pela mídia e pelos profissionais de saúde de que cada um é responsável por seu bem-estar físico e longevidade e que se deve buscá-los a qualquer custo, as práticas alimentares estimuladas por ele ganham caracterizações que se situam em limiares daquilo que pode ser considerado uma 'patologia'. Frequentemente associadas a uma escolha pessoal ou 'estilo de vida', tais práticas são vistas pelos seus adeptos muito mais como um anseio pessoal do que como um distúrbio (mesmo que esse 'estilo de vida' ou hábito acabe levando a conseqüências fatais). Por isso analisar essas novas práticas, assim como o discurso sobre elas (da mídia em geral e dos próprios adeptos, principalmente em blogs na internet), é essencial para uma

compreensão mais apurada do que podemos chamar de novas subjetividades ou para entender melhor como se dá o ‘cuidado de si’ na sociedade atual. Acreditando que o mundo contemporâneo apresenta continuidades e descontinuidades das principais características das sociedades anteriores e entendendo nosso período histórico como, se não um momento já outro ou totalmente diferente da modernidade, pelo menos um tempo de mudanças e transformações no que diz respeito a crenças, valores, hábitos e práticas em diversas esferas da vida humana, o presente trabalho pretende enxergar de que forma essas modificações (fazendo sempre correlações a outros momentos históricos), principalmente no âmbito da saúde e das técnicas comunicacionais, interferem e propiciam a emergência de novos sujeitos e novas formas destes se relacionarem entre si e com o mundo.

Eixo Temático: Mídia, Comunicação e Linguagem

1. Introdução

Muito além do organismo, meramente biológico, o corpo é o lugar onde a linguagem e a cultura se fazem presentes. Assim sendo, não existe subjetividade sem o corpo, vivido e situado historicamente, e por isso a importância de vê-lo como lugar prático de controle social e de estudar suas relações com o poder. Segundo Michel Foucault (1987), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (1987: 118), o que faz com que a história das técnicas de intervenções do corpo humano seja também a história de como a sociedade tratou o cuidado de si e do próximo. Tais intervenções ocorreram, principalmente, como forma de adaptação social e cultural do corpo, atravessando, portanto, todos os âmbitos que correspondem ao relacionamento com o outro e consigo, tais como as técnicas de produção, trabalho, comunicação, estética e consumo. Por isso, podemos dizer que os momentos históricos sempre apresentam continuidades e descontinuidades entre si, a partir da ocorrência dessas transformações técnicas e nas adaptações possíveis dos sujeitos à determinada época.

Analisando, então, a sociedade atual no que esta difere das antecedentes a respeito de crenças, valores, hábitos e práticas, resolvi observá-las tomando como objeto principal de estudo os *blogs pró-ana* e *pró-mia*¹ (a favor da anorexia e da bulimia como estilos de vida). A escolha desse fenômeno se justifica não só por este evidenciar, de formas muitas vezes chocantes,

¹ Há um vocabulário específico entre aqueles que se denominam *pró-anas* e *pró-mias*. Além de *ana* (às vezes com um n, às vezes com dois), que pode significar tanto anoréxica quanto a anorexia, e *mia*, também podendo ser tanto a bulimia quanto uma pessoa bulímica, há *carbo*, que significa carboidrato; *no food*, ou NF, que quer dizer ficar sem comer absolutamente nada sólido (somente água e chás); *low food*, dieta de baixíssima caloria (cerca de 300 kcal); e *miar*, que significa vomitar logo após a ingestão do alimento.

características da sociedade contemporânea que serão expostas ao longo do artigo, mas por estar crescendo significativamente na internet. Em pesquisa preliminar², através do site de buscas *Google*, por exemplo, foram encontradas 1.990.000 ocorrências para as palavras chaves *blogs+ana+mia* quando procuradas em toda a *web*, e 129.000 ocorrências quando a pesquisa se limitou às páginas do Brasil. Analisando 0,1% destes resultados (ou seja, 129 ocorrências), pôde-se perceber que um pouco mais da metade são de *blogs pró-ana*. Se tomássemos livremente esse resultado como padrão, poderíamos deduzir que, circulando em toda a *web*, estaria hoje quase um milhão de páginas pessoais desse tipo. Diante dessas evidências, acredito que o estudo das novas formas de se entender e de se relacionar consigo se torna importante para que possamos compreender melhor aquilo que atualmente se coloca como novas subjetividades e, principalmente, para fazermos frente aos desafios que se apresentam ao constatarmos como se dá o ‘cuidado de si’ na sociedade atual.

2. O cuidado de si

Ao analisar a emergência da subjetividade ocidental e associá-la à relação do sujeito com o poder sobre si mesmo e sobre os outros, Foucault (1984) coloca o tema da sexualidade como forma de entender como, ao longo do período precursor da moral cristã (século IV a.C. ao século II d.C.), o cuidado que o sujeito deveria ter com o próprio corpo e com a própria alma foi se constituindo de formas diversas, ainda que apresentando os mesmos elementos. Ele mostra que, muito mais do que uma intensificação da rigidez dos códigos morais sobre a sexualidade (e sobre outros aspectos da vida do indivíduo, tais como a saúde e a alimentação), o que houve foi um novo modo de tratá-la ou mesmo de concebê-la. É a emergência daquilo que ele denomina ‘cuidado de si’, e que vai ter seu ápice no momento Imperial (dois primeiros séculos da nossa Era).

De acordo com a genealogia apresentada pelo autor, pode-se resumir o que significava o ‘si’ para as diferentes culturas (e, portanto, sobre o sentido das práticas que eram implicadas em seu cuidado). Se para a Antigüidade grega o ‘si’ remontava à cidade e cuidar ou conhecer a si mesmo era preceito para que se tivesse um bom desempenho na vivência e na administração da *pólis*, podemos considerar que, na época Imperial, o ‘si’ remontava à natureza ou à essência mesma do homem. Ali, então, cuidar de si mesmo não significava mais se situar ou obter foco

² Realizada em 03 de abril de 2007.

para uma boa administração da cidade, mas se conhecer profundamente, rememorar fatos ocorridos durante o dia ou durante a vida para, a partir daí, agir segundo às leis da razão e da natureza. Por isso, podemos dizer que é nesse momento que emerge o sentido de ‘conversão a si’, do distanciamento da vida pública. Mais tarde, no Cristianismo, esse ‘si’ vai significar a alma a ser vasculhada e interpretada visando à salvação perante Deus. Cuidar de si terá o propósito de se conhecer profundamente, não mais pelos ditames da razão, mas pelos do desejo (que, sendo considerado como próprio da razão ou da natureza humana, era portanto contrário à Deus). Conhecer-se será rememorar (e, logo depois, confessar) não só fatos mas também pensamentos, idéias e sentimentos.

É dentro dessa perspectiva que pretende-se observar qual o sentido de ‘si’ atualmente, tomando como objeto de comparação a ‘alta’ Modernidade, tendo em vista que, mesmo após o auge da Era Cristã, o ‘si’ – ou o ‘eu’ – continuou a ter ainda o estatuto de sujeito a ser conhecido e interpretado (ainda que com práticas distintas), como demonstra a emergência das ciências humanas e do indivíduo como a psicologia, a psicanálise, a fisiologia, a antropologia, etc.

3. Modernidade X Atualidade

Para Foucault, é na Modernidade (descrita por ele como uma sociedade disciplinar) que “nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e inversamente” (1987: 119). Mas, para o filósofo, a vigilância e a disciplina não se dariam apenas no âmbito corporal, e sim dependeriam de todo um processo de subjetivação e interiorização, onde o olhar do outro constituiria um olhar sobre si, situando o campo de visibilidade no interior do próprio sujeito.

Segundo Fernanda Bruno (2004), na contemporaneidade, a subjetividade vai deixando de se constituir no âmbito do secreto, do íntimo, para se relacionar à exterioridade, ao corpo físico, o que pode ser observado na visibilidade cada vez maior dada ao indivíduo comum. Com o advento das novas técnicas de comunicação e informação, o corpo já não é percebido como antes, visto que seus limites estão cada vez mais dispersos e fluidos, mas não mais livres de mecanismos de controle e poder, que hoje se configuram através não só do uso dessas novas técnicas, mas também do consumo. De acordo com Fernanda, “os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação.

Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’ (...) o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si” (2004: 116). Nesse sentido, podemos dizer que, se na Modernidade a aparência estava vinculada à superfície, à exterioridade e à máscara, enquanto a autenticidade – ou a identidade ‘verdadeira’ do sujeito – estava na interioridade (BRUNO, 2004), hoje aparência e identidade se confundem, fazendo com que esta se torne cada vez mais instável, provisória e mutável, ocupando diversos espaços da vida ou se revezando em diferentes momentos (HALL, 1992).

Assim, muitos autores afirmam que aquela subjetividade centrada, unificada, calcada em um ‘eu’ íntimo e individualizada, tão própria da Modernidade estaria em crise, já que hoje o que vemos é a emergência de subjetividades mais cambiantes, instáveis, que se expressam de formas diferentes das vistas até então. E podemos afirmar isso porque, mesmo as práticas de governo estando cada vez mais fundadas no ‘eu’, e o cuidado de si e do outro se deslocando para o próprio indivíduo e não se fundamentando mais na coletividade ou no Estado (ROSE, 2001), não podemos dizer que isso reafirmaria uma interioridade. O crescimento da publicação de manuais de auto-ajuda (e de toda uma gama de produtos ‘auto’) e de práticas de discursos ou narrativas pelas quais a intimidade é exposta podem ser exemplos dessa autenticidade ainda focada em um ‘eu’. Porém há uma diferença significativa na expressão desse ‘eu’. As narrativas atuais sobre a vida íntima, por exemplo, não são mais expostas em uma esfera que poderíamos chamar de privada ou quase privada (confessionários, consultórios, etc), mas ao público na mídia, no grupo, na internet. Ou seja, o reconhecimento não vem mais de uma autoridade, mas do olhar de um outro comum, igual. Assim, podemos dizer que, de certa forma, há uma intensificação do ‘eu’, porém corporificado, performático, espetacular e não reflexivo.

Para exemplificar melhor tais características e compreender o estatuto dado a ‘si’ atualmente, podemos tomar o fenômeno dos *blogs*, que surgiram no intuito de serem ‘diários virtuais’, onde o ‘escritor’ poderia expor toda sua intimidade, confessar seus segredos, etc. Entretanto, mais do que isso, tais ferramentas parecem não ser instrumentos para tornar visível um ‘eu’ verdadeiro, sem máscaras ou falsidade, mas para criar esse ‘eu’, tão verdadeiro quanto o que é exposto. Não se trata de confessar uma intimidade, mas de construir uma imagem para ser vista pelo outro. Contrapondo, por exemplo, tal prática com aquilo que Foucault (1987) percebeu como sendo algumas das evidências concretas do diagrama disciplinar (o exame e a confissão),

podemos observar que aquela, mesmo tratando de narrativas e exposições de si, possui sentidos diversos daqueles propostos pelo filósofo.

Enquanto na confissão um indivíduo comum relatava sua vida íntima a alguém que estivesse em uma posição de autoridade (médico, padre, psicanalista) e tentava esconder sua ‘verdade’ aos outros cidadãos comuns, nos *blogs*, diários e perfis em comunidades virtuais o que se vê é o inverso. Não só porque o ‘íntimo’ muda a cada momento, de acordo com o humor, ambiente e, até mesmo, dependendo das imagens postadas, mas também porque os outros a quem esses indivíduos se dirigem são iguais a eles. Entretanto, assim como nos antigos confessionários os fiéis protegiam sua identidade por uma portinhola ou cortina e nos consultórios dos psicanalistas ortodoxos os pacientes se escondiam do olhar do terapeuta ao deitarem-se de costas no divã, hoje são as telas que possibilitam o anonimato daqueles que ‘confessam’ suas angústias na internet. Porém, tal ‘confissão’ não serve para abolir uma culpa ou promover um auto-conhecimento, mas para se constituir enquanto sujeito ao olhar do outro e se colocar no âmbito da própria existência enquanto ser social, já que é só nesse espaço que ele sente poder, de fato, se sociabilizar.

Contrapondo também essas narrativas à prática do exame tal como descrito por Foucault, podemos perceber que, se neste um especialista faz um documentário detalhado sobre o indivíduo, sua personalidade e história, que serviria depois para identificar, classificar e normatizar, nos casos estudados, entretanto, são os próprios indivíduos que ‘documentam’ sua vida, não a especialistas mas a iguais, num espaço público mediado pela tela. Portanto, esses relatos não podem servir para identificar – ou melhor dizendo, individualizar – já que nunca se tem a certeza de quem é, do nome ou personalidade daquele que escreve, ou se esse alguém existe de fato, de forma análoga ao que é narrado na virtualidade. Também não serviriam para classificar³, pois os próprios indivíduos afirmam pertencer a um grupo ou simplesmente justificam sua escolha por um ‘estilo de vida’. Nem para normatizar, visto que não há um padrão a ser seguido necessariamente, apenas opções a serem feitas, e ninguém será punido por não agir ‘corretamente’, mas ficará apenas insatisfeito (ou sofrerá as próprias conseqüências). Assim, o simples fato de uma das jovens se declarar uma *ana*, uma *mia*, ou as duas (o que ocorre em sua grande maioria), já as faz assim. Não há necessidade de diagnóstico, provas ou exames, é

³ Nesse caso, não ocorre a classificação enquanto modo de individualização, já que os banco de dados (construídos a partir de sites de busca, pagamento com cartão de crédito, informações em comunidades virtuais) classifica os perfis propondo apenas padrões de comportamentos ou de consumo.

simplesmente uma opção. Muito diferente de uma anamnese detalhada, ou de uma retrospectiva histórico-pessoal, as tecnologias de informação promovem um monitoramento, consentido ou não, que atua apenas na superfície das ações (através dos celulares, câmeras de vigilância, compras por cartões de crédito, narrativas em *blogs* e comunidades virtuais) e do corpo (proliferação de *softwares* de imagens e câmeras fotográficas digitais, assim como os novos ‘exames’ médicos baseados em tecnologias visuais e informacionais, tais como ressonâncias magnéticas, tomografias, etc).

4. Corpo, subjetividade e tecnologias da comunicação

Atualmente, com o avanço da ciência e das tecnologias médicas, as formas de modificação física e de potencialização das funções corporais são demonstradas como uma necessidade. Não importa o sacrifício de cirurgias, dietas, etc., o corpo que se deseja (artificial e purificado) é a recompensa. Também as novas tecnologias da comunicação propiciam não só a propagação desse ideal, mas se tornam espaços privilegiados em que se pode atingi-lo. Promovendo a dissociação entre comunicação e presença física, elas permitem a mobilidade do corpo, que atravessa fronteiras e estabelece contatos virtuais diversos e laços seletivos (pois são escolhidos pelo próprio indivíduo que se conecta, e não pelo acaso de se encontrarem no mesmo lugar, por exemplo). Essa não organicidade do corpo proporcionada pela virtualidade faz com que essa idéia de artificialização e purificação seja mais facilmente absorvida e desejada. O corpo pode agora ser corrigido digitalmente e se tornar perfeito, ao menos, em sua imagem.

Nesse sentido, segundo Paula Sibilia (2007) o ‘cuidado de si’ atualmente aparece como aperfeiçoamento da vida física e não mais da vida pública (como na Grécia clássica) ou da vida sentimental ou privada (como no período romântico burguês). O cuidado com o corpo não seria mais o meio pelo qual se atinge uma perfeição transcendente, mas sim um fim em si mesmo, tendo como referência absoluta o próprio corpo, ainda que negando seus aspectos ‘naturais’. O desejo agora é tornar o corpo transcendente – puro e perfeito – na própria imanência. Ocorre que, em busca dessa ‘bio-ascese’, que encontra como instrumento grande parte das novas tecnologias (informacionais e biológicas), o desejo de se atingir a perfeição é tão forte que pode culminar na destruição mesma do corpo orgânico, em prol de um ‘corpo-imagem’ digital, artificial e virtualizado.

É o que ocorre nos comportamentos praticados pelas *anas* e *mias*, que se submetem à

doença física e até mesmo à morte para se atingir o corpo puro, perfeito. Mas, para que tais práticas sejam eficientes, associada ao ideal de pureza do corpo deve estar a busca incessante dos indivíduos pelo autocontrole. E, para as *anas* e *mias* da internet, este autocontrole é sinal de estabilidade, de uma não entrega aos excessos, à compulsão, ao risco de engordar:

Estou voltando à vida "normal" de anoréxica feliz. Não se sintam impressionadas, mas de ontem de manhã para hoje de manhã, emagreci 1 Kg e 100 gramas. Não, isso faz muita diferença quando se tem mais 24Kg para EXPELIR... mas as calças voltaram a cair e o estômago a roncar, o q me faz imensamente feliz! (...) Eu quero é ATINGIR o autocontrole, não ficar para sempre em busca dele, vendo-o se aproximar, depois afastar, aproximar, afastar... (NINA)⁴

E se a internet é o local em que o corpo se desloca de sua realidade orgânica para se tornar uma extensão imagética de formas variadas e ideais, é também ali que a exposição de si promove, através de narrativas em *blogs* ou em comunidades virtuais em geral, uma nova formação do ‘eu’ e de sua identidade. No caso dos *blogs pró-anas* e *pró-mias*, isso fica ainda mais evidente, pois a todo o momento as meninas procuram esconder sua identidade (o que na modernidade era visto como o ‘eu verdadeiro’) utilizando codinomes, pedem para não serem reconhecidas e afirmam só confessar as práticas as que se submetem no espaço público virtual, mentindo para os pais, namorados, médicos e psicólogos. Diferente da Modernidade, é no personagem, na máscara, na artificialidade que o indivíduo hoje se sente reconhecido como ‘ele mesmo’. Assim, utilizando codinomes tais como Gorda, Nina, Orquídea, Gabi, Twilight, as meninas *pró-anas* se colocam como ‘si mesmas’, em um espaço onde elas podem se ‘expressar verdadeiramente’, de igual para igual, fora das proibições do lar ou médicas. A fala de Nina⁵, apresentada abaixo, mostra que a subjetividade ou o ‘ser alguém’ se encontra no ato mesmo de se mostrar, quando ela diz, por exemplo, que sua ‘pessoa’ seria retomada ao se sentar em frente ao computador e postar em seu *blog* (assim como ler os comentários sobre o que acham dela). Segundo ela, durante os dias em que estava longe desse ambiente virtual, havia sido “outrem”:

Mas com máscaras e maquiagens que mais permitem que eu expresse quem eu sou do q me escondem. (...)

Instintivamente, acordei e pulei para frente do computador, tive impulso de ler os comentários do meu blog, postar alguma coisa. Precisava retomar a minha pessoa, andei sendo outrem por esses dias que desapareci. (NINA)

⁴ www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br

⁵ Idem.

Outra observação interessante, e que parece estar presente apenas em *blogs* desse tipo específico, é a de que as meninas não postam fotos delas mesmas em suas páginas (e raras são as que possuem *fotologs*), somente imagens de modelos e atrizes, segundo elas, metas de perfeição a serem alcançadas: “É que 98% dos blogs e sites ana tem pelo menos uma foto de modelo magérrima e semi nua e isto realmente atrai, pq muitas de nós gostariam de ter esta liberdade de expor o próprio corpo. Falando sério: quando que eu ia me deixar fotografar de biquíni?! NUNCA!!!!!!” (GABI)⁶. Mais uma vez, é a fascinação pela imagem do outro e a negação do próprio corpo carnal, considerado impuro e imperfeito. Entretanto, para finalizar, é necessário aqui ressaltar o estatuto dado a esse outro. Tanto as imagens de modelos postadas, quanto os interlocutores e pessoas que acessam os *blogs*, estão ali somente como espelhos, para tornarem possível a performance, a auto-realização e o auto-reconhecimento. Havendo ou não exposição de imagens de si, a relação com o outro nesse espaço não provoca conflito (e, caso provoque, pode-se facilmente desconectá-lo) mas apenas permite que o indivíduo se realize. Ele está ali (não importando quem de fato ele seja) no momento em que se quer ou que se precisa, funcionando como um reflexo de si mesmo. É a partir dessa nova dimensão dada ao outro que podemos entender valores da sociedade atual tais como a individualização, o narcisismo, a busca pela superação de limites individuais, o culto ao corpo e a aparência física, e a luta excessiva pelo autocontrole. E é também a partir desses valores, presentes no fenômeno analisado, que podemos vê-lo como uma forte evidência de transformações nas formas de ser e estar do sujeito contemporâneo. Tendo isso em vista, podemos pensar que, atualmente, o ‘cuidado de si’ tem como referência não o espaço público ou determinadas leis sociais ou divinas, mas o corpo do outro (que se coloca como o de si próprio) enquanto produto de consumo. Dessa forma, permite-se um apagamento do outro, ou uma confusão mesma do que seja ‘eu’ e o ‘outro’. O que nos faz pensar que a sociedade contemporânea nos coloca desafios a enfrentar não só no âmbito do sujeito e suas novas práticas (e, até mesmo das novas patologias que decorrem a partir daí), mas de toda a sociedade, já que as implicações sociais produzidas pelo esvaziamento do outro e da supervalorização de si podem ser muitas e muito perigosas.

⁶ <http://gabiproana9.zip.net>

5. Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. In: **Revista Famecos: mídia, cultura, tecnologia**. Número 24. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

_____. Quem está olhando? Variações do público e do privado em *weblogs, fotologs e reality shows*. In: **Contemporanea**, vol. 3, número 2, p.53-70. Julho/ Dezembro 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Tecnologias, memórias e esquecimento: da modernidade à contemporaneidade**. 2005. Disponível em: http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_mf.pdf Acesso em janeiro de 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. [1987]

_____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2005. [1984]

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. [1992]

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do 'eu'**. 2004. Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/PaulaSibilia.pdf> Acesso em junho de 2007.

_____. **Imagens do corpo perfeito: o sacrifício da carne pela pureza digital**. 2007. (Artigo ainda não publicado).

VAZ, Paulo. **Corpo e Risco**. 2002. Disponível em www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/55/minhas_publicacoes/pvaz5.pdf Acesso em maio de 2006.

Site:

www.google.com.br

Blogs citados: (Acesso em julho de 2006)

NINA - www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br

GABI - <http://gabiproana9.zip.net>